

**TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 334**

**Bloco de Comércio e Competitividade  
das Exportações Brasileiras**

Marcelo José B. Nonnenberg

ABRIL DE 1994

## **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA  
é uma Fundação vinculada à Secretaria de  
Planejamento, Orçamento e Coordenação.

### **PRESIDENTE**

Aspásia Brasileiro Alcântara de Camargo

### **DIRETOR DE PESQUISA**

Claudio Monteiro Considera

TEXTO PARA DISCUSSÃO tem o objetivo de divulgar  
resultados de estudos desenvolvidos no IPEA, informando  
profissionais especializados e recolhendo sugestões.

Tiragem: 150 exemplares

### **SERVIÇO EDITORIAL**

#### **Brasília - DF:**

SBS. Q. 1, Bl. J, Ed. BNDES - 10º andar  
CEP 70.076-900

#### **Rio de Janeiro - RJ:**

Av. Presidente Antônio Carlos, 51 - 14º andar  
CEP 20.020-010

---

# SUMÁRIO

---

1. INTRODUÇÃO
  2. METODOLOGIA
    - 2.1. Indicador Utilizado
    - 2.1. Dados
  3. MODIFICAÇÕES NO PADRÃO REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES
  4. EVOLUÇÃO DO PADRÃO DE COMÉRCIO POR BLOCOS
    - 4.1 Comunidade Européia
    - 4.2 América do Norte
    - 4.3 América Latina
    - 4.4 Japão
    - 4.5 Países Asiáticos em Desenvolvimento
    - 4.6 Demais Regiões
  5. ANÁLISE POR PRODUTOS
  6. CONCLUSÃO
- BIBLIOGRAFIA
-

**BLOCO DE COMÉRCIO E COMPETITIVIDADE DAS  
EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS \***

**Marcelo José B. Nonnenberg \*\***

\* O autor agradece os comentários de Guida Fiani a uma versão anterior deste trabalho.

\*\* Do IPEA / DIPES.

---

## 1. INTRODUÇÃO

O comércio mundial tem sido marcado, nos últimos anos, por um aumento da participação dos blocos no comércio internacional. Por blocos, costuma-se tratar tanto conjuntos de países institucionalmente conectados entre si através de acordos mais ou menos abrangentes -- sendo os exemplos típicos a Comunidade Européia e a AELC -- quanto grupos de nações geograficamente próximas mas sem acordos de livre-comércio, como o "bloco asiático", por exemplo.

Essa tendência de crescimento do comércio intrabloco, entretanto, não resulta, necessariamente, de aumento da proteção *vis-à-vis* terceiros países ou algum tipo de viés a favor dos países pertencentes ao bloco. Frankel (1992) argumenta que, apesar de o comércio do bloco dos países asiáticos do Pacífico conter um viés intra-regional, ele diminuiu ao longo da década de 80. Mais ainda, desde que se considerem os efeitos do maior crescimento dos países asiáticos, os dados indicam inexistência de viés intra-regional. Já para a Comunidade Européia, esse coeficiente aumenta no mesmo período.

O desenvolvimento da tendência à maior regionalização do comércio mundial torna essencial para todas as nações, em especial para aquelas que se situam fora dos principais centros dinâmicos, a definição da estratégia de inserção a ser seguida. Veiga (1993) analisa os eixos da estratégia continental do Brasil a serem seguidos nos próximos anos. Situam-se eles em torno de processos de integração sub-regional (Mercosul), acordos de nova geração com outros países sul-americanos no âmbito da Aladi e o aumento das relações com os países do Nafta. O estudo conclui pela "racionalidade de uma política de preferencialização do continente americano, dentro de uma estratégia de inserção balizada pelo multilateralismo e pelo objetivo de aprofundar a liberalização doméstica e externa da economia brasileira."

Lawrence (1991), por sua vez, considera que as respostas de política comercial a serem seguidas dentro de um cenário de globalização e regionalização podem ser divididas em dois grandes grupos. Primeiro, uma linha que caminhe na direção de harmonização das diferenças nacionais, conduzindo a uma maior integração, a exemplo do acordado pelos países da Comunidade Européia. Segundo, uma estratégia que busque resistir ao processo de globalização, através de pressões para obtenção de resultados equitativos, com um sistema de comércio administrado, do qual o Acordo Multifibras é o exemplo máximo. Nesse contexto, e levando em conta o grau de

---

adesão dos países aos diversos tipos de acordo, esse artigo descreve quatro cenários básicos: aprofundamento de um regime de comércio baseado no Gatt; desenvolvimento de um mundo de blocos regionais de comércio; evolução para um sistema de comércio administrado e ampliação da integração econômica mundial num sistema "Gatt-plus". Qualquer que seja o cenário prevalecente, no entanto, aumentarão as pressões para que os países em desenvolvimento ampliem sua integração global.

A definição de estratégias globais de inserção da economia nacional no plano mundial, contudo, deve estar atrelada às estratégias relativas a mercados e produtos específicos. A política comercial, sobretudo nos seus aspectos relacionados ao processo de integração continental, necessita de informações a um nível mais desagregado, analisando-se o crescimento das exportações dos principais produtos para os principais mercados de destino.

O fato de as exportações de um determinado produto para um determinado país estarem crescendo pode ser resultado do aumento da competitividade do país exportador, do crescimento desse mercado ou de uma combinação de ambos. Mas, para se ter um quadro mais claro das possibilidades do país em questão nesse mercado é importante analisar-se as mesmas variáveis para os demais exportadores. Assim, por exemplo, as exportações brasileiras do produto  $k$  para o país  $j$  podem estar aumentando graças, em parte, a ganhos de competitividade. No entanto, as exportações dos países do mesmo bloco (ou da mesma zona geográfica) podem também estar aumentando, com maiores ganhos de competitividade, indicando que o Brasil, provavelmente, encontrará dificuldades em continuar expandindo suas exportações nessa área.

O objetivo deste trabalho é, em primeiro lugar, examinar o desempenho dos principais produtos exportados pelo Brasil nos maiores mercados de destino, relativamente aos seus concorrentes e em segundo lugar, verificar qual o papel dos ganhos de competitividade nesse processo. A análise é realizada para a média do período 1981/85 contra 1986/90 e destaca a variação das exportações e a parcela atribuída à competitividade, dividindo os outros fornecedores do mercado em países intra-regionais e extra-regionais.

A Seção 2 apresenta a metodologia utilizada, descrevendo o indicador e os dados utilizados; a Seção 3 faz uma rápida descrição da evolução do comércio mundial, indicando as modificações no padrão regional; na Seção 4 é analisada a evolução das exportações e da

---

competitividade do Brasil e dos concorrentes intra e extra-regionais para os principais produtos e mercados brasileiros. A Seção 5 traça, rapidamente, um quadro geral da evolução pelos principais produtos e as conclusões são apresentadas na sexta e última seção.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1. Indicador Utilizado

A variação das exportações de um determinado produto pode ser decorrente de modificações no tamanho do mercado desse produto ou de alterações na participação das vendas nesse mercado, expressas pelo coeficiente de **market-share**. Normalmente, considera-se que alterações no **market-share** reflitam modificações da competitividade do país exportador, naquele produto e naquele mercado, obviamente. A desagregação do crescimento ou da redução das exportações entre esses dois fatores é, assim, bastante útil para a compreensão do desempenho dos mercados externos e para poder realizar projeções sobre seu comportamento futuro.

Um outro método usualmente utilizado para a análise dos fatores responsáveis pela variação das exportações é a análise **constant market-share**, que decompõe esse crescimento nos seguintes fatores: crescimento do comércio internacional, composição da pauta de exportações, destino das exportações e, finalmente, a competitividade, determinada como o resíduo dos demais. Nenhum desses dois métodos, no entanto, permite examinar os motivos que explicam a alteração da competitividade. De fato, uma redução do **market-share** pode ocorrer, por exemplo, devido a uma redução da produtividade que se reflita numa elevação dos custos. Mas pode ocorrer, igualmente, em função de um aumento da proteção às exportações do país em questão, no país importador, relativamente às exportações de outros países. Assim, deve-se ter em conta essa limitação da metodologia adotada.

Como o objetivo do presente trabalho é analisar o comportamento das exportações para cada um dos principais produtos nos principais mercados, optou-se por um método alternativo, desenvolvido por Lafay e Herzog (1989). Inicialmente, definem-se dois fluxos:

$$v_{ijk} = \frac{V_{ijk}}{M_{jk}} \quad \text{e} \quad m_{jk} = \frac{M_{jk}}{W_j}$$

onde  $V_{ijk}$  = valor das exportações do país  $i$  para o país  $j$  do produto  $k$ .

$M_{jk}$  = valor das importações do país  $j$  do produto  $k$ .

$W_j$  = valor das importações totais do país  $j$ .

Define-se  $V_{ijk}.M_{jk}$  como a participação das exportações do país  $i$  do produto  $k$  para o mercado  $j$  no total das importações do mercado  $j$ . Assim, temos:

$$v_{ijk}.m_{jk} = \frac{V_{ijk}}{M_{jk}} \cdot \frac{M_{jk}}{W_j} \quad (1)$$

Em termos dinâmicos, pode-se reescrever a expressão acima, para os períodos 0 e 1 como:

$$(v^1_{ijk}.m^1_{jk}) - (v^0_{ijk}.m^0_{jk}) = v^0_{ijk}.(m^1_{jk}-m^0_{jk}) + (v^1_{ijk}-v^0_{ijk}).m^1_{jk}. \quad (1)$$

O primeiro elemento do lado direito de (1) pode ser entendido como a evolução do mercado -- **A** -- e o segundo como a variação do **market-share** -- **B**. A soma dos dois elementos fornece o total do crescimento das exportações do país  $i$  para o país  $j$  do produto  $k$ . É importante notar que, na verdade, a variação das exportações, por estar referenciada a um mercado específico, denota variação acima ou abaixo da média daquele mercado e não necessariamente significa aumento ou diminuição.

Desta forma, é possível construir, para cada mercado e para cada produto um vetor contendo a decomposição do crescimento das exportações em evolução do mercado e variação do **market-share** para os países que negociam naquele mercado.

## 2.2. Dados

Os dados utilizados para o presente trabalho foram retirados do banco de dados de comércio exterior CHELEM. Esse banco de dados fornece os fluxos bilaterais de comércio numa classificação que agrega todos os itens da SITC em 73 categorias. A base geográfica compreende 185 países agregados em 34 zonas, individuais ou não. O Brasil constitui uma zona individual.



---

Para os propósitos deste trabalho, foram selecionados apenas os principais produtos da pauta de exportações brasileiras e, para cada um deles, selecionaram-se os principais mercados de destino.

Os produtos selecionados, responsáveis por cerca de 75% das exportações brasileiras no período 1987/90, são: produtos aeronáuticos, rações para animais, produtos químicos orgânicos básicos, bebidas, automóveis (incluindo bicicletas e motocicletas), veículos comerciais, (incluindo ônibus e equipamento ferroviário), outros produtos agrícolas comestíveis (exceto cereais), motores, turbinas e bombas, óleos e gorduras, minério de ferro e sucata, ferro e aço em formas primárias, couro e calçados, carne e peixe, produtos mecânicos diversos, manufaturados diversos, metais não-ferrosos, papel e celulose, plásticos, fibras e resinas artificiais, derivados de petróleo, peças para veículos e fios e tecidos.

Para cada um dos produtos acima, foram selecionados apenas os mercados de destino responsáveis pela absorção de, pelo menos, 75% das exportações brasileiras no mesmo período e foram agregados da seguinte maneira:

**Comunidade Européia** - todos os países da CE.

**Europa Oriental** - URSS e os demais países da Europa Oriental (Albânia, RDA, Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia e Tchecoslováquia).

**Golfo** - Irã, Iraque, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Qatar, Kuwait, Bahrain e Omã.

**Países menos desenvolvidos da África** - todos os países africanos, exceto África do Sul mais países do Oriente Médio não-Opep.

**Países industrializados da Ásia** - Coreia do Sul, Cingapura, Formosa e Hong-Kong.

**Japão** - Japão.

**Países menos desenvolvidos da Ásia** - os demais países da Ásia.

**América do Norte** - Estados Unidos e Canadá.

**América Latina** - todos os países da região, exceto Brasil.

Os países exportadores em cada um dos mercados e produtos foram agregados segundo sua proximidade

---

geográfica com o destino das exportações e classificados como intra e extra-regionais (além do Brasil, obviamente).

### 3. MODIFICAÇÕES NO PADRÃO REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES

A presente seção procura traçar um pano de fundo para a análise a ser feita por produtos, examinando as modificações da estrutura regional do comércio mundial entre 1970 e 1990. A Tabela 1 mostra as taxas médias anuais de crescimento das exportações mundiais, segundo as principais zonas geográficas entre 1971 e 1990. O primeiro quinquênio é, obviamente, marcado pela elevação dos preços do petróleo e das demais commodities a partir de 1973. No período seguinte (1975/80), destaca-se o rápido crescimento das exportações dos países asiáticos, à exceção do Japão, a taxas bem acima da média mundial. O mesmo desempenho é experimentado pelo Brasil nesse período e no seguinte (1981/85), quando as exportações brasileiras crescem quase 5% a.a., enquanto a média mundial é de -0,4%. Em termos relativos, entre 1981 e 1985, nossas vendas ao exterior crescem abaixo apenas das do Japão e dos NPI asiáticos. A situação se reverte por completo no último período, tendo as exportações brasileiras crescido acima apenas dos países em desenvolvimento da África e da Europa Oriental.

Tabela 1

#### EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES POR GRUPOS DE PAÍSES (Em %)

	75/71	80/76	85/81	90/86
Mundo	22,84	17,87	-0,44	12,57
CE	21,46	17,37	-1,27	15,96
América do Norte	18,68	14,79	1,06	11,29
Japão	23,61	18,36	6,31	10,28
NPI Asiáticos	28,39	28,38	8,19	18,12
Outros Europa Ocid.	20,97	17,00	0,38	15,49
PMD Asiáticos	23,58	21,14	2,31	16,56
Europa Oriental	20,68	14,92	2,29	4,45
Golfo	58,28	21,03	-14,03	5,51
América Latina	20,43	18,69	-0,46	6,02
PMD África	23,30	21,83	-5,94	3,92
Outros	18,98	14,54	-0,96	11,23
Brasil	25,93	18,35	4,92	4,84

Fonte: CHELEM; dados elaborados pelo autor.

Boa parte desse comportamento é explicada pela variação do **market-share** de cada país. A Tabela 2 apresenta a média das variações desse indicador para os mesmos subperíodos. Ressalte-se que tais números não são simplesmente taxas de crescimento, mas médias ponderadas pela participação nas importações totais de cada mercado. Os resultados confirmam o péssimo desempenho brasileiro no período final, quando o comércio mundial encontra-se em fase de grande expansão.

Tabela 2

VARIAÇÃO DO **MARKET-SHARE**, POR GRUPO DE PAÍSES  
(Em %)

	75/71	80/76	85/81	90/85
CEE	-4,09	-1,49	-2,85	10,60
América do Norte	-5,98	-3,95	2,15	-1,67
Japão	0,40	0,26	5,07	-1,77
NPI Asiáticos	1,01	2,71	4,02	3,22
Europa Ocid.Outros	-1,00	-0,46	0,50	1,72
PMD Asiáticos	0,23	1,12	1,28	1,92
Europa Oriental	-1,51	-1,95	2,09	-5,15
Países do Golfo	12,62	2,48	-10,43	-2,66
América Latina	-0,91	0,31	-0,01	-2,34
PMD África	0,16	1,55	-2,52	-2,52
Outros	-0,91	-0,70	-0,12	-0,26
Brasil	0,23	0,04	0,61	-0,79

Fonte: CHELEM; dados elaborados pelo autor.

A Tabela 3 mostra o crescimento de mercado para os 21 principais produtos de exportação brasileiros, na nomenclatura do Chelem, que foram responsáveis por pelo menos 75% das vendas externas do Brasil entre 1986 e 1990. Os dados correspondem às exportações mundiais desses produtos nos últimos 20 anos. Na década de 70, as exportações brasileiras expandiram-se graças, quase que exclusivamente, aos aumentos de competitividade, sendo negativo o crescimento do mercado nesses anos. Em contraste, no último quinquênio, apesar do dinamismo do mercado desses produtos, as exportações brasileiras cresceram bem abaixo da média mundial, refletindo a perda de competitividade das exportações brasileiras.

Tabela 3

EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS POR PRODUTOS SELECIONADOS  
(Em %)

	75/71	80/76	85/81	90/86
Aeronáuticos	-1,23	-1,62	-0,45	-0,29
Automóveis	-3,77	1,04	-1,39	0,24
Bebidas	-1,57	-0,33	0,21	0,35
Carne	-0,12	0,20	0,50	0,70
Couro e Calçados	-0,98	-0,38	0,10	0,79
Derivados de Petróleo	-1,11	0,93	0,26	2,08
Ferro e Aço	-0,29	-0,30	-0,21	0,97
Fios e Tecidos	0,10	-0,67	0,28	0,56
Manufaturados Diversos	-0,32	-0,34	1,16	-0,15
Mecânicos Diversos	-0,98	0,08	2,56	1,05
Metais Não-ferrosos	0,95	-0,36	-0,22	-0,18
Minério de Ferro	-0,49	0,21	0,30	0,99
Motores e Turbinas	0,00	0,29	0,62	0,20
Óleos e Gorduras	-0,65	0,33	0,30	0,46
Out.Pr.Agric.Com.	-0,69	-0,62	0,03	-0,30
Papel e Celulose	2,06	1,55	0,38	-3,94
Peças para Veículos	-2,60	-0,81	-0,22	-1,35
Plásticos e Fibras	-0,12	-0,35	-0,03	-0,33
Pr.Químicos Org.Bás.	-0,62	0,07	-0,03	0,44
Rações Animais	-0,43	0,11	-0,17	-0,00
Veículos Comerciais	-0,36	-0,02	0,06	0,15
TOTAL	-13,21	-0,98	4,04	2,44

Fonte: CHELEM; dados elaborados pelo autor.

#### 4. EVOLUÇÃO DO PADRÃO DE COMÉRCIO POR BLOCOS

A análise foi feita tomando por base, para cada um dos 21 produtos selecionados, os mercados de destino responsáveis por pelo menos 75% das vendas brasileiras. A Tabela 4 apresenta um resumo dos resultados comparando a média do período 1986/90 com a média de 1981/85. As duas primeiras colunas indicam o número de pares produto/mercado em que o total das exportações aumenta ou diminui. As duas colunas seguintes mostram o número de pares onde o **market-share** aumentou ou diminuiu.

Tabela 4

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES E DO **MARKET-SHARE**  
1986/90 e 1981/85

	Total		Market-share	
	Aumento	Redução	Aumento	Redução
Brasil	32	31	30	33
Intrabloco	37	26	33	30
Extrabloco	40	23	31	32

Fonte: Ver texto.

Esses resultados mostram que o comportamento das exportações brasileiras, quando se analisa o total, foi claramente inferior ao dos seus concorrentes. É interessante observar também que em quase 2/3 dos produtos/mercados os países extra-regionais aumentaram suas vendas, resultado esse mais elevado que o dos países intra-regionais. Os resultados para o **market-share**, no entanto, diferem bastante. O número de produtos/mercados em que o Brasil ganhou competitividade é apenas ligeiramente inferior ao dos demais países, o que indica que a questão da perda de competitividade deve ser relativizada.

A seguir analisa-se o comportamento da variação das exportações e do coeficiente de **market-share**, entre a média do período 1986/90 e o período 1981/85, para o Brasil e os seus concorrentes, divididos entre os países que pertencem à mesma zona regional -- intrabloco - e os demais países -- extrabloco.

#### 4.1. Comunidade Européia

Dentre os 21 produtos selecionados, a CE constitui um dos principais mercados para 18 deles: produtos aeronáuticos, ração para animais, produtos químicos orgânicos básicos, bebidas, veículos comerciais, outros produtos agrícolas comestíveis, motores e turbinas, óleos e gorduras, minério de ferro e sucata, couro e calçados, carne, produtos mecânicos diversos, miscelânea, produtos metálicos não-ferrosos, papel e celulose, plásticos, fibras e resinas artificiais, peças para veículos e têxteis e confecções.

Dos oito produtos que apresentam crescimento das exportações brasileiras, nosso **market-share** eleva-se em sete. Tanto os concorrentes intra como os extra-regionais também aumentam suas exportações em todos esses bens. No entanto, para eles, o número de produtos

---

em que o indicador de competitividade sobe é quase igual ao dos que o indicador cai.

Os gráficos<sup>1</sup> 1, 2 e 3 apresentam esta informação sintetizada. No eixo horizontal, estão os valores para o **market-share** e no eixo vertical os valores da variação das exportações. Assim, aumentos de competitividade aparecem nos quadrantes 1 e 4; o quadrante 3 indica que o mercado diminuiu ou foi insuficiente para compensar a redução de competitividade e os valores do segundo quadrante informam que o crescimento do mercado foi mais do que suficiente para compensar a redução de competitividade. A posição mais vantajosa é no quadrante 1 e a mais desvantajosa, no terceiro quadrante.

Como pode ser observado nos gráficos mencionados, as exportações brasileiras situam-se basicamente ou no primeiro ou no terceiro quadrantes, sendo que nesse último há uma predominância de produtos de origem agropecuária. Não causa estranheza o fato de que a maior parte das exportações intra-regionais tenha apresentado ganhos de competitividade, em virtude das características do comércio intra-comunitário. É curioso, por outro lado, constatar que a maior parte dos produtos situados no terceiro quadrante sejam os mesmos para o Brasil e os países extracomunitários (que são, em grande parte, outros países europeus e da América do Norte). A diferença consiste, basicamente, da localização de motores, veículos comerciais e carne, que se situam no segundo quadrante para os países extracomunitários e no terceiro, para o Brasil, o que é explicado pela nossa perda de competitividade.

#### 4.2. América do Norte

Esta região é um dos principais mercados para 15 dos produtos selecionados pelo estudo: produtos aeronáuticos, produtos químicos orgânicos básicos, bebidas, automóveis, produtos agrícolas comestíveis, motores, turbinas e bombas, produtos siderúrgicos, couro e calçados, carne, mecânicos diversos, manufaturados diversos, metais não-ferrosos, papel e celulose, derivados de petróleo e fios e tecidos.

Aqui, o posicionamento brasileiro é um pouco melhor do que na CE. Em nove produtos há aumento do indicador de competitividade, sendo que nesses, à exceção de um, nossas exportações também se elevam. No entanto, quando se compara com o desempenho dos concorrentes extra-regionais, fica evidenciada a posição relativamente

---

<sup>1</sup>A idéia de utilização deste tipo de gráfico vem de Fritsch e Batista(1993).

---

desfavorável das exportações brasileiras. Dos 15 produtos, verifica-se elevação da competitividade em 12, sendo que nove aumentam suas vendas. Em alguns, o ganho de competitividade é bastante expressivo, influenciado pelos países asiáticos recém-industrializados e o Japão. Mais grave ainda, dos oito produtos classificados no primeiro quadrante para o Brasil, seis deles também estão para os concorrentes extra-regionais.

#### 4.3. América Latina

Para as exportações brasileiras, dos 10 produtos incluídos nesta região, cinco encontram-se no primeiro quadrante: produtos químicos orgânicos básicos, automóveis, veículos comerciais, produtos siderúrgicos e plásticos, fibras e resinas artificiais. A competitividade dos manufaturados diversos também aumenta mas não de forma a compensar a redução de mercado. O **market-share** de mecânicos diversos, papel e celulose, peças para veículos e fios e tecidos diminui.

No entanto, o desempenho dos países extra-regionais é muito pior -- apenas em quatro deles a competitividade aumenta e em grau muito menor do que o dos produtos em que esse indicador se reduz. Ao contrário, no caso dos países intra-regionais, verifica-se aumento de competitividade em sete deles e numa proporção muito maior do que nos três em que ela se reduz.

Esse quadro mostra que o papel da proximidade geográfica e a conclusão de acordos comerciais nesta região têm sido essenciais para o aumento do intercâmbio comercial desses produtos.

#### 4.4. Japão

O mercado japonês apresenta-se importante para seis dos produtos selecionados. Em cinco deles -- produtos agrícolas comestíveis, ferro e aço em formas primárias, carne, metais não-ferrosos e papel e celulose -- as exportações aumentaram no período considerado e apenas em um -- minério de ferro -- caiu.

Os países extra-regionais só possuem um produto no primeiro quadrante e três no quarto, enquanto que os países da própria região apresentam cinco no primeiro quadrante, indicando que a proximidade geográfica é um fator essencial na definição dos fluxos comerciais da região.

---

#### 4.5. Países Asiáticos em Desenvolvimento

Apenas para três produtos esta região está entre os principais mercados: óleos e gorduras, ferro e aço e plásticos, fibras e resinas artificiais. A situação das exportações brasileiras é semelhante à dos países extra-regionais, ambos com dois produtos no terceiro quadrante e um no primeiro quadrante, produtos siderúrgicos no caso brasileiro e plásticos no outro.

#### 4.6. Demais Regiões

As demais regiões que apresentam interesse para o comércio exterior brasileiro, pelo critério adotado, são Golfo Pérsico, Países Africanos em desenvolvimento e Europa Oriental. Na primeira, apenas carne, óleos e gorduras foram selecionados. Tanto o Brasil como os países intra-regionais ficam localizados no terceiro quadrante, enquanto as exportações de fora da região localizam-se no primeiro quadrante.

Para os países em desenvolvimento da África, aparecem apenas veículos comerciais, óleos e gorduras. As exportações brasileiras de ambos os produtos reduzem-se no período, sendo que a competitividade aumenta apenas para veículos comerciais. As exportações dos países de fora da região localizam-se no terceiro quadrante, ao passo que os países da própria região apresentam um produto no primeiro e outro no terceiro quadrante.

Já no caso da Europa Oriental apenas ração animal apresenta interesse. As exportações de todas as regiões diminuem, sendo que as brasileiras e as intra-regionais vêm aumentar sua competitividade.

#### 5. ANÁLISE POR PRODUTOS

Os produtos que apresentaram melhor desempenho do ponto de vista brasileiro, isto é, cujo **market-share** cresceu em pelo menos dois dos mercados mais importantes (Comunidade Européia, América do Norte, América Latina e Japão) e em praticamente todos eles acompanhados de aumento de mercado foram: produtos aeronáuticos, automóveis, ferro e aço, metais não-ferrosos, papel e celulose, plásticos, manufaturados diversos e mecânicos diversos. O conjunto desses produtos representou, em média, entre 1989 e 1991, 23,5% do total das exportações brasileiras, percentual esse que tem permanecido bastante estável neste período. É interessante observar que em todos esses produtos, à exceção de não-ferrosos, os países extrabloco aparecem no primeiro quadrante, indicando que a melhoria da posição brasileira ocorreu a despeito de uma forte concorrência externa. Por outro lado, o fato de que os



---

concorrentes sejam, na maior parte, extra-regionais sugere que não são mercados que estejam se fechando e apresentam, portanto, boas perspectivas futuras.

Por outro lado, as exportações brasileiras de rações animais, produtos químicos orgânicos básicos, veículos comerciais, produtos agrícolas comestíveis, minério de ferro, óleos e gorduras, carne, fios e tecidos reduziram-se em quase todos os mercados e sempre acompanhados de redução do **market-share**. Nesse caso, entretanto, não é possível estabelecer um padrão geral para o comportamento dos concorrentes.

#### **Análise por Categorias mais Desagregadas**

Uma crítica que pode ser feita à análise acima é a excessiva agregação dos produtos. De fato, a agregação de produtos feita pelo Chelem, para um exame mais específico pode conduzir a resultados distorcidos, por juntar produtos extremamente diferentes numa mesma categoria. De forma a minorar este problema, utilizamos um programa desenvolvido pela Cepal, denominado CAN -- Competitive Analysis of Nations -- que permite realizar uma análise bastante semelhante com um nível de desagregação bem maior -- a três dígitos da SITC. No entanto, à diferença do CHELEM, não detalha as zonas de destino das exportações, que se restringe ao conjunto dos países da OCDE. Assim, as exportações do Brasil para a América Latina não são levadas em consideração.

Os coeficientes do programa que foram utilizados no presente trabalho são a participação de mercado, calculadas de forma análoga ao restante do trabalho e a participação do setor, definida como as importações da OCDE no produto X sobre o total das importações da OCDE. Com base nessas duas variáveis, o modelo gera uma matriz de competitividade com quatro quadrantes classificados como: estrelas nascentes (as duas variáveis aumentam), estrelas minguantes (participação de mercado crescente e mercado estacionário ou declinante), oportunidades perdidas (participação de mercado declinante e mercado dinâmico) e retrocessos (ambas variáveis declinantes).

A análise foi feita para os oito produtos considerados na seção anterior como os mais competitivos, desagregando-os a três dígitos da SITC e eliminando os produtos cuja participação nas exportações brasileiras para a OCDE fosse inferior a 0,1% desse total. A comparação foi feita entre a média de 1989/91 e a média de 1984/86. A tabela e o gráfico abaixo indicam os produtos e a sua posição na matriz de competitividade.

---

Tabela 5

-----  
**Estrelas Nascentes**

Celulose  
Produtos de Polimerização e Copolimerização  
Papel e Cartão  
Sucata e Ferro Esponja  
Lingotes e Outras Formas Primárias de Ferro e Aço  
Alumínio  
Partes e Acessórios Não-Elétricos de Máquinas  
Automóveis para Passageiros  
Aeronaves, Equipamentos Conexos e Suas Partes

**Estrelas Minguantes**

Produtos de Condensação e Policondensação  
Barras, Perfis, Vergalhões e Outros Prod. de Ferro  
e Aço  
Estanho  
Artigos de Cutelaria

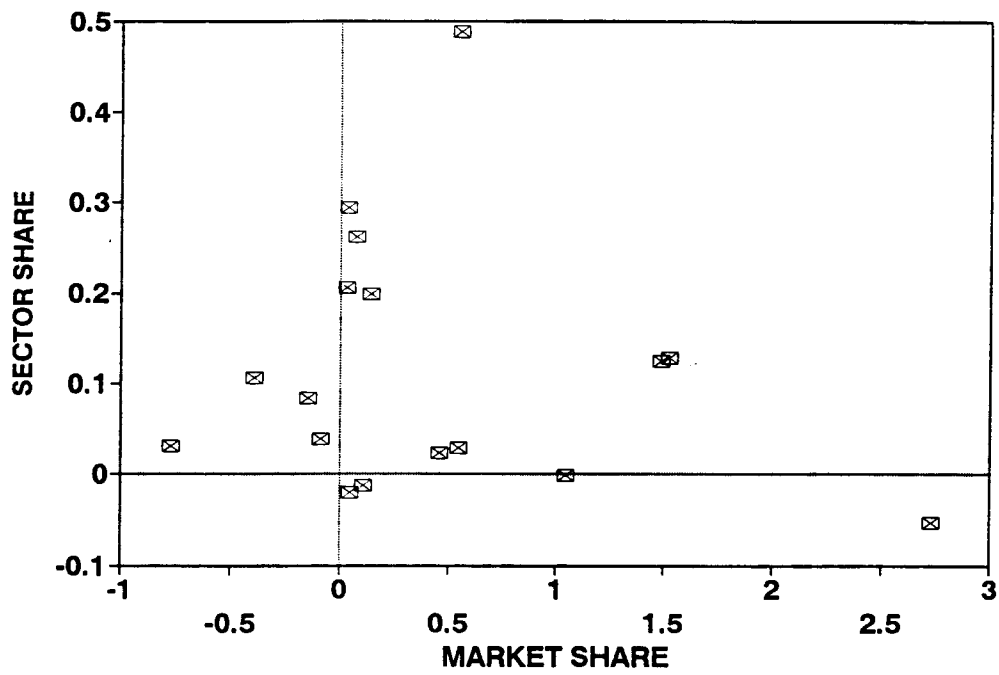
**Oportunidades Perdidas**

Laminados Planos e Chapas de Ferro e Aço  
Ferramentas de Uso Manual ou em Máquinas  
Manufaturas de Metais Comuns  
Artefatos e Acessórios Sanitários  
-----

Os produtos anteriormente classificados em manufaturados diversos e mecânicos diversos desaparecem devido ao critério adotado. Dos 17 produtos selecionados, que representam cerca de 19% das nossas exportações para a OCDE, nove aparecem no primeiro quadrante, quatro no segundo e quatro no quarto. Note-se que em três produtos do quarto quadrante a redução do mercado é extremamente pequena, fenômeno análogo ao que se passa para pelo menos dois produtos do segundo quadrante, com relação à participação de mercado. Ou seja, mesmo a um nível mais desagregado, esses produtos situam-se como fortemente competitivos.

---

MATRIZ COMPETITIVIDADE  
1985/90



---

## 6. CONCLUSÃO

As evidências encontradas no presente estudo parecem indicar um desempenho das exportações brasileiras para a América Latina bastante superior ao obtido nas demais regiões. De fato, essa região concentra, relativamente, muito mais produtos cujas exportações cresceram, na década de 80, graças a ganhos de competitividade do que qualquer das outras zonas examinadas. A partir de 1991, período não coberto pela análise, tal situação deve ter se acentuado, sobretudo com a intensificação do comércio com a Argentina. Essa conclusão apontaria para uma estratégia de inserção que privilegiasse o comércio intra-regional, devido ao fato de nossa competitividade ser maior nessa região do que nas demais.

No entanto, algumas qualificações merecem ser feitas. Em primeiro lugar, nos mesmos produtos, a situação dos demais países da América Latina na própria região é pelo menos tão boa quanto a brasileira. Ou seja, a competitividade de nossos concorrentes intra-regionais é, pelo menos igual à nossa. Além disso, do ponto de vista macroeconômico, todos eles encontram-se em posição muito melhor. O que pode significar que os investimentos irão crescer a um ritmo superior ao que se espera para o Brasil, ao menos num horizonte de curto prazo, trazendo, com isso, aumentos de produtividade nesses países.

Em segundo lugar, é preciso não perder de vista que os mercados da CE e da América do Norte continuam sendo os mais importantes para o Brasil. Inclusive com relação a uma dimensão fundamental para a definição de estratégias comerciais, que é a diversificação. Enquanto, na presente análise, no caso da América Latina, aparecem apenas 10 produtos, a CE é um dos principais mercados para 18 produtos, sendo que em sete aumenta nosso **market-share**. Na América do Norte, dos 15 produtos selecionados, a competitividade brasileira se eleva em 11 deles. Sob esse aspecto, essa região deveria ser considerada como preferencial, por ser onde o maior número de produtos obtém ganhos de competitividade e a posição brasileira não ser significativamente diferente dos demais concorrentes extra-regionais.

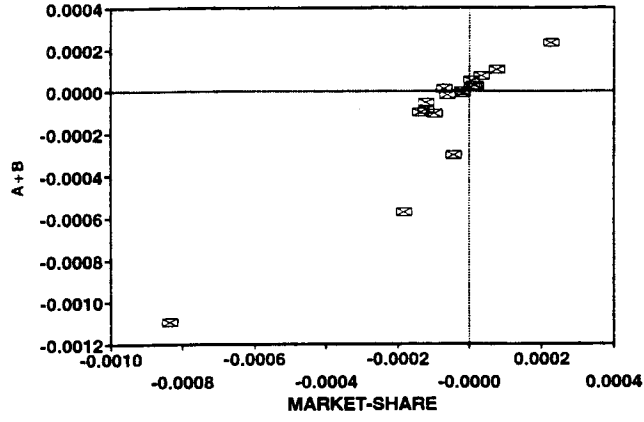
Finalmente, entre os oito produtos nos quais a competitividade brasileira cresce em pelo menos dois blocos importantes, a América do Norte é um dos principais mercados para sete deles, sendo que a América Latina o é para apenas três: automóveis, plásticos e manufaturados diversos.

---

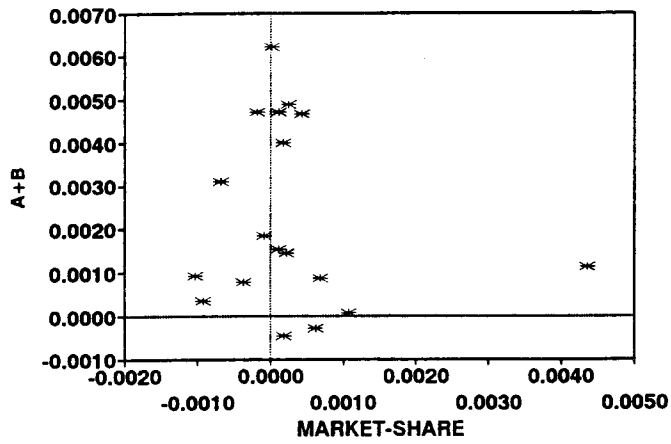
Tais qualificações sugerem, assim, que, apesar de a América Latina constituir-se, obviamente, numa zona privilegiada para o comércio brasileiro e, portanto, ser fundamental aprofundar o processo de integração regional já em curso, é também muito importante manter uma estratégia multilateralista que enfatize a participação nos mercados mais dinâmicos.

Ademais, para os oito produtos apontados acima, chama a atenção que nenhum desses produtos seja fortemente intensivo em recursos naturais, que é um fator importante para o desenvolvimento das vantagens comparativas das exportações brasileiras nos últimos anos [ver Nonnenberg (1991)]. Mesmo quando analisados a um maior nível de desagregação, esses produtos apresentam-se bastante competitivos. Assim, apesar da perda generalizada de competitividade das exportações brasileiras verificada após 1985, vários produtos manufaturados apresentaram ganhos de competitividade em mercados dinâmicos, especialmente produtos siderúrgicos, automóveis, aeronaves, papel e celulose, plásticos e produtos siderúrgicos. Note-se ademais que para esse grupo de produtos, mesmo em nível mais desagregado, nossos maiores concorrentes são os países do G-7, que são os que mais investem em pesquisa e desenvolvimento, certamente um fator essencial para explicar o ganho de vantagens comparativas no comércio internacional.

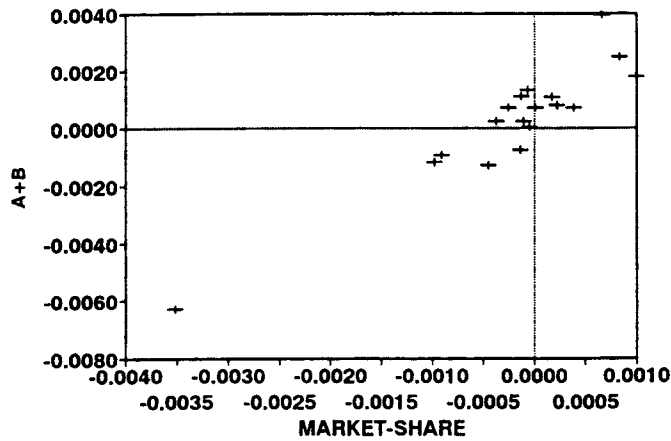
COM. EUROPEIA  
BRASIL



COM. EUROPEIA  
INTRA-REGIONAL



COM. EUROPEIA  
EXTRA-REGIONAL



---

COMUNIDADE EUROPEIA

**Brasil**

1° Quadrante

Produtos Aeronáuticos  
Couro e Calçados  
Produtos Mecânicos Diversos  
Produtos Manufaturados Diversos  
Metais Não-Ferrosos  
Papel e Celulose  
Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais

2° Quadrante

Bebidas

3° Quadrante

Rações para Animais  
Veículos Comerciais  
Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Motores, Turbinas e Bombas  
Óleos e Gorduras  
Minério de Ferro e Sucata  
Carne e Peixe  
Peças para Veículos  
Fios e Tecidos

4° Quadrante

Produtos Químicos Orgânicos Básicos

**Intra**

1° Quadrante

Bebidas  
Veículos Comerciais  
Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Motores, Turbinas e Bombas  
Óleos e Gorduras  
Carne e Peixe  
Produtos Mecânicos Diversos  
Metais Não-Ferrosos  
Papel e Celulose  
Peças para Veículos

2° Quadrante

Produtos Aeronáuticos  
Produtos Químicos Orgânicos Básicos  
Couro e Calçados  
Produtos Manufaturados Diversos  
Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais  
Fios e Tecidos

---

3° Quadrante  
Rações para Animais  
Minérios de Ferro e Sucata

**Extra**

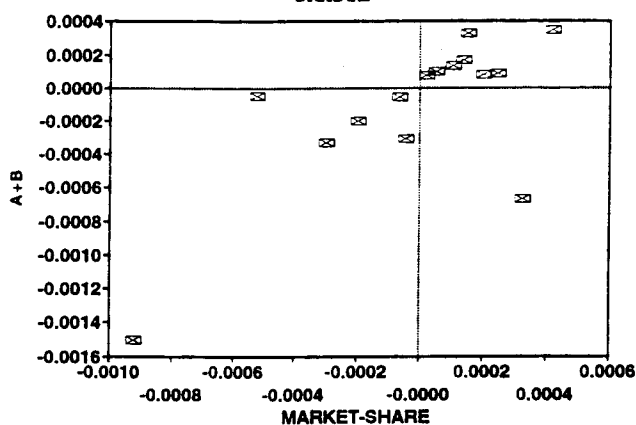
1° Quadrante  
Produtos Aeronáuticos  
Produtos Químicos Orgânicos Básicos  
Couro e Calçados  
Produtos Manufaturados Diversos  
Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais  
Peças para Automóveis  
Fios e Tecidos

2° Quadrante  
Veículos Comerciais  
Bebidas  
Motores, Turbinas e Bombas  
Carne e Peixe  
Produtos Mecânicos Diversos  
Papel e Celulose

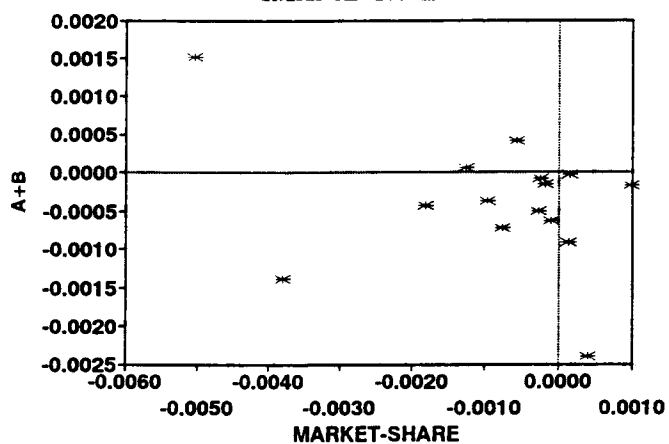
3° Quadrante  
Rações Animais  
Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Óleos e Gorduras  
Minério de Ferro e Sucata  
Metais Não-Ferrosos



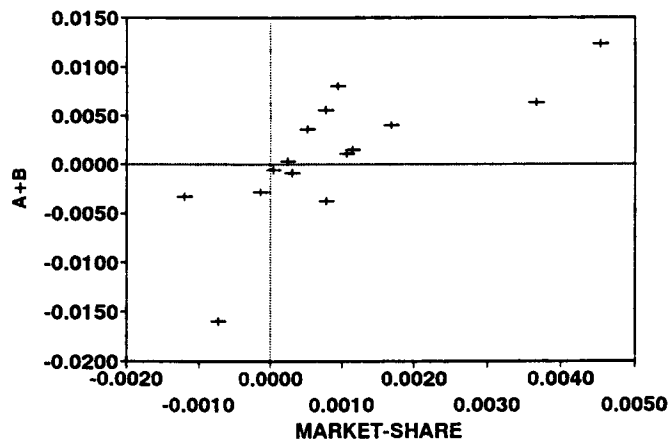
AMERICA DO NORTE  
BRASIL



AMERICA DO NORTE  
INTRA-REGIONAL



AMERICA DO NORTE  
EXTRA-REGIONAL



---

AMÉRICA DO NORTE

**Brasil**

1° Quadrante  
Produtos Aeronáuticos  
Automóveis  
Motores, Turbinas e Bombas  
Ferro e Aço em Formas Primárias  
Produtos Mecânicos Diversos  
Metais Não-Ferrosos  
Papel e Celulose

3° Quadrante

Produtos Químicos Orgânicos Básicos  
Bebidas  
Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Couro e Calçados  
Carnes e Peixes  
Fios e Tecidos

4° Quadrante  
Refinados de Petróleo

**Intra**

1° Quadrante  
Automóveis  
Produtos Mecânicos Diversos  
Papel e Celulose

3° Quadrante  
Produtos Aeronáuticos  
Produtos Químicos Orgânicos Básicos  
Bebidas  
Motores, Turbinas e Bombas  
Ferro e Aço em Formas Primárias  
Couro e Calçados  
Produtos Manufaturados Diversos  
Fios e Tecidos

4° Quadrante  
Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Carnes e Peixes  
Metais Não-Ferrosos  
Derivados de Petróleo

---

**Extra**

1° Quadrante

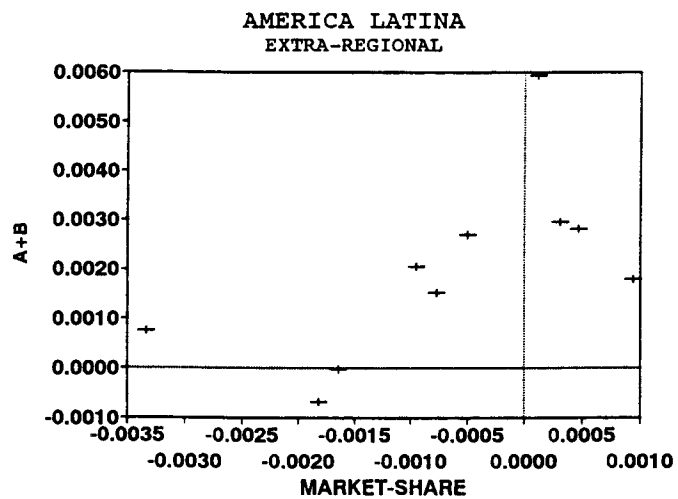
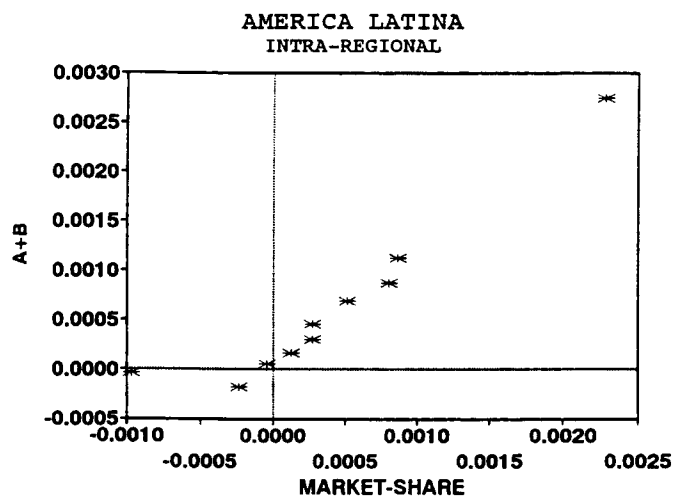
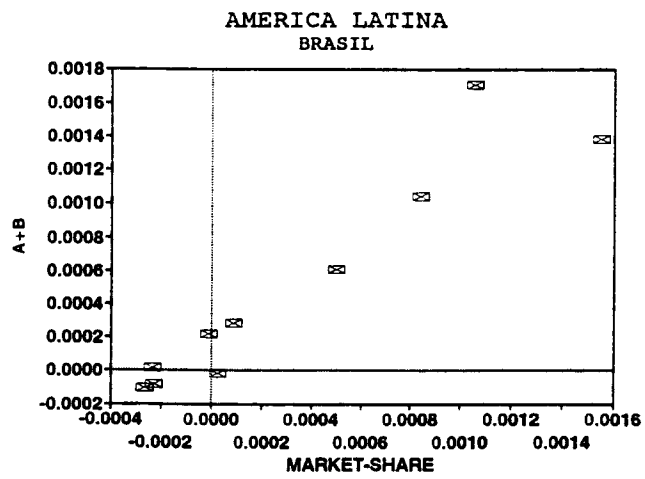
Produtos Aeronáuticos  
Produtos Químicos Orgânicos Básicos  
Automóveis  
Motores, Turbinas e Bombas  
Couro e Calçados  
Produtos Manufaturados Diversos  
Papel e Celulose  
Fios e Tecidos

3° Quadrante

Ferro e Aço em Formas Primárias  
Metais Não-Ferrosos  
Derivados de Petróleo

4° Quadrante

Bebidas  
Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Carnes e Peixes



---

AMÉRICA LATINA

**Brasil**

1° Quadrante

Produtos Químicos Orgânicos Básicos  
Automóveis  
Veículos Comerciais  
Ferro e Aço em Formas Primárias  
Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais

2° Quadrante

Papel e Celulose  
Peças para Veículos

3° Quadrante

Produtos Mecânicos Diversos  
Fios e Tecidos

4° Quadrante

Produtos Manufaturados Diversos

**Intra**

1° Quadrante

Produtos Químicos Orgânicos Básicos  
Automóveis  
Veículos Comerciais  
Ferro e Aço em Formas Primárias  
Papel e Celulose  
Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais  
Peças para Veículos

2° Quadrante

Produtos Mecânicos Diversos

3° Quadrante

Produtos Manufaturados Diversos  
Fios e Tecidos

**Extra**

1° Quadrante

Produtos Mecânicos Diversos  
Produtos Manufaturados Diversos  
Peças para Veículos  
Fios e Tecidos

---

2° Quadrante

Produtos Químicos Orgânicos Básicos

Ferro e Aço em Formas Primárias

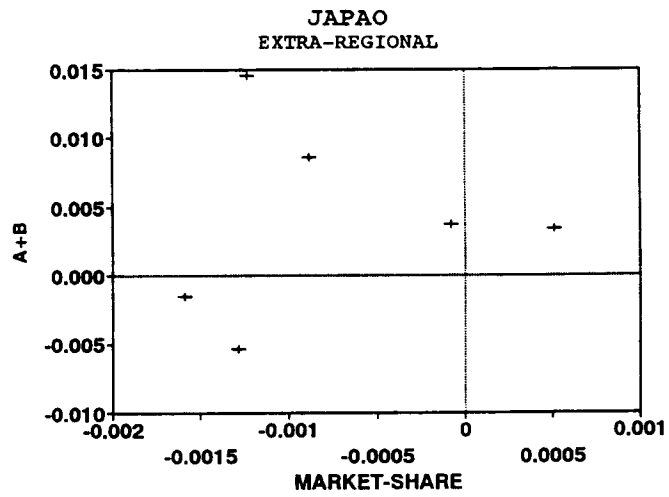
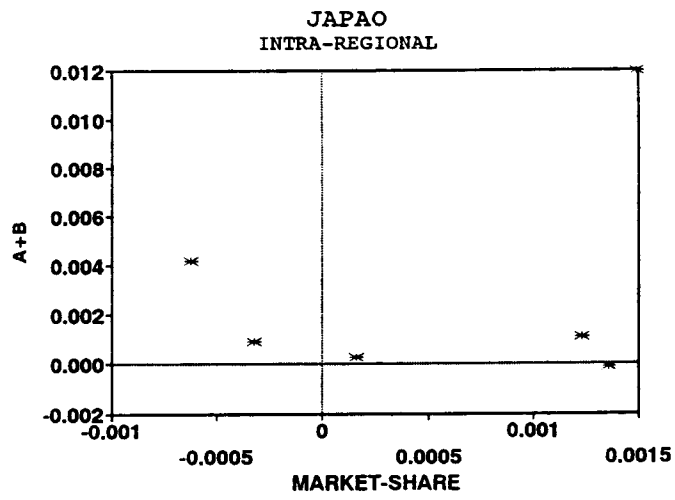
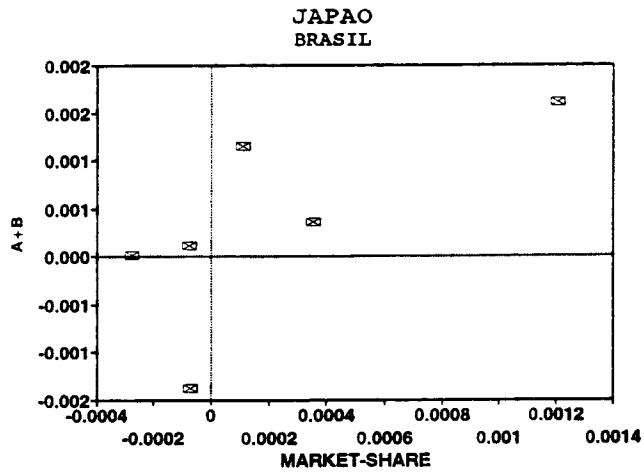
Papel e Celulose

Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais

3° Quadrante

Automóveis

Veículos Comerciais



---

JAPÃO

**Brasil**

1° Quadrante

Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Ferro e Aço em Formas Primárias  
Metais Não-Ferrosos

2° Quadrante

Carnes e Peixes  
Papel e Celulose

3° Quadrante

Minério de Ferro e Sucata

**Intra**

1° Quadrante

Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Carnes e Peixes  
Papel e Celulose

2° Quadrante

Ferro e Aço em Formas Primárias  
Metais Não-Ferrosos

4° Quadrante

Minério de Ferro e Sucata

**Extra**

1° Quadrante

Ferro e Aço em Formas Primárias

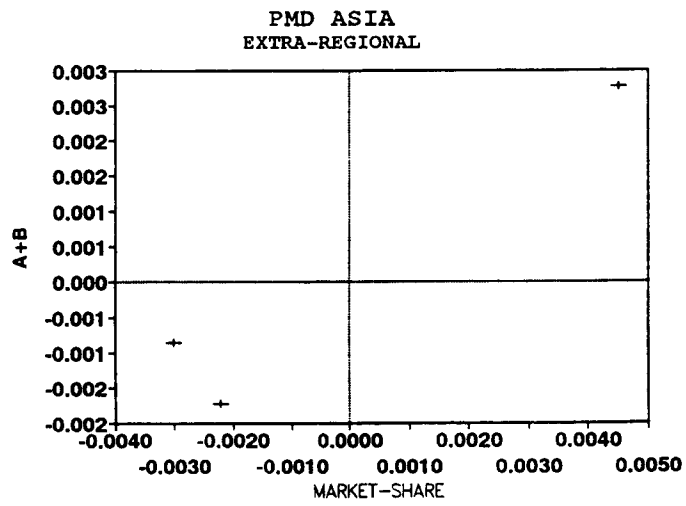
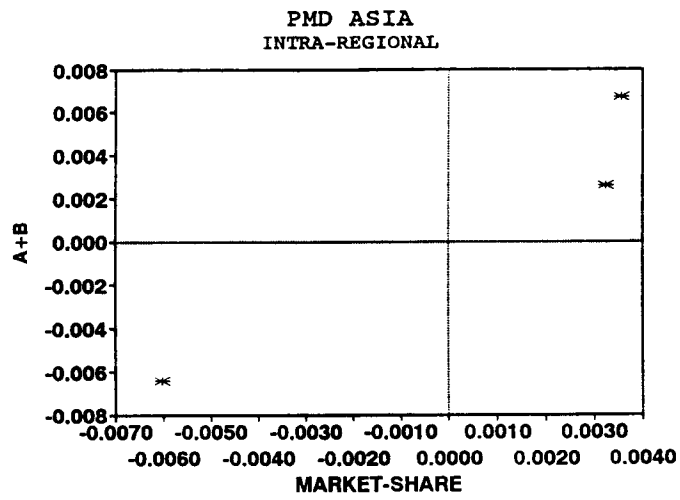
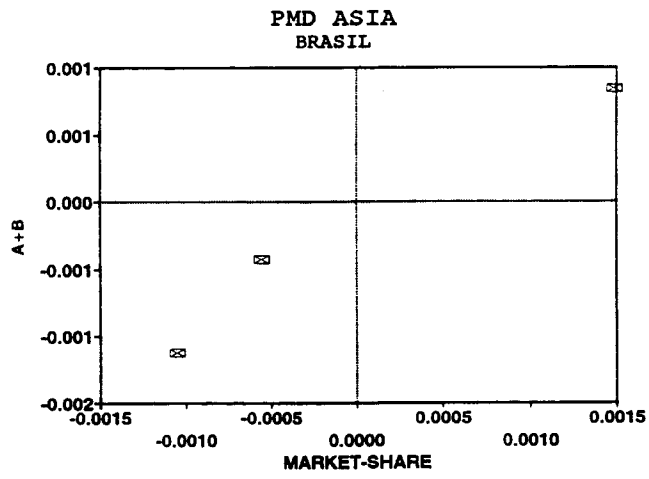
2° Quadrante

Carnes e Peixes  
Metais Não-Ferrosos  
Papel e Celulose

3° Quadrante

Outros Produtos Agrícolas Comestíveis  
Minério de Ferro e Sucata





---

PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO DA ÁSIA

**Brasil**

1° Quadrante  
Ferro e Aço em Formas Primárias

2° Quadrante  
Óleos e Gorduras  
Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais

**Intra**

1° Quadrante  
Óleos e Gorduras  
Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais

**Extra**

1° Quadrante  
Ferro e Aço em Formas Primárias

2° Quadrante  
Óleos e Gorduras  
Plásticos, Fibras e Resinas Artificiais

---

## BIBLIOGRAFIA

- FRANKEL, A. **Is Japan creating a yen bloc in East Asia and the pacific?** National Bureau of Economic Research, Apr. 1992 (Working Paper, 4050).
- FRITSCH, W., Batista, J.C. **A dinâmica recente das exportações brasileiras (1979-1990).** V Forum Nacional, maio de 1993.
- LAFAY, G., HERZOG, C. **Commerce international: la fin des avantages acquis.** Paris, Economica, 1989, 407 p.
- LAWRENCE, R. **Scenarios for the world trading system and their implications for developing countries.** OECD Development Center, Nov. 1991 (Technical Paper, 47).
- NONNENBERG, M.J.B. **Vantagens comparativas reveladas, custo relativo de fatores e intensidade de recursos naturais: resultados para o Brasil.** Rio de Janeiro, IPEA, abr. 1991 (Texto para Discussão, 214).
- VEIGA, P. M. **O Mercosul e a liberalização comercial nas Américas - notas sobre a estratégia brasileira para o continente.** V Forum Nacional , maio de 1993.